

SENTADA um dia perto de uma piscina, ouvi um vozerio. Uma cabeça aparecia na superfície na parte mais funda da água. Vi um homem correr para a beira da piscina, e ouvi-o gritar: “Pare de respirar! Pare de respirar!” Depois, uma mocinha juntou-se a êle, aconselhando: “Vire de costas e bóie!” As vozes dos dois chamaram a atenção do guarda-vidas. Como um raio, êle correu tôda a extensão da piscina, mergulhou e salvou o homem em apuros. Mais tarde, o guarda-vidas disse-me: “Por que, em nome de Deus, ninguém gritou aquela simples palavra—socorro? Não é na hora do afogamento que se ensina o afogado a nadar.”

Estas palavras me serviram muito, várias semanas depois, quando fui visitar a cantina de um colégio. Vi uma meninazinha mal vestida entornar, sem querer, o copo de leite que levava na bandeja, no instante em que ia chegando à sua mesa. Alguém correu para buscar um pano. Ouvi a professôra dizer à menina que tivesse mais cuidado. Várias crianças começaram a zombar da garôta por ser desajeitada. Evidentemente desnorteada, a meninazinha só fêz ficar parada, sem ouvir e sem falar. Lembrando-me do guarda-vidas, imaginei que ela talvez não tivesse mais dinheiro para comprar aquilo que era provàvelmente a sua cota diária de leite. Aproximei-me, comprei outro copo de leite e o coloquei na bandeja dela. O olhar de alívio e de gratidão que ela me deu

Não Se Ensina A Nadar A Quem Está Se Afogando

ELISE MILLER DAVIS

convenceu-me de que eu havia raciocinado certo.

Em momentos de crise, devemos lembrar-nos de fazer alguma coisa *construtiva*. Devemos procurar agir de maneira prática e com discernimento quando vemos outro ser humano em dificuldade.

No último Natal, uma amiga minha estava com um grupo de senhoras distribuindo cestas de comida. Em uma das casas, uma mulher, com filhos pequenos agrupados a seu lado, abanou a cabeça silenciosamente, recusando a oferta. Admiradas, várias senhoras acharam que a mulher era uma ingrata e uma orgulhosa.

“Eu já me dispunha a partir quando algo me deteve”, disse a minha amiga. “Voltei sòzinha.” Encontrou a mulher explicando aos filhos que o gás de sua casa havia sido cortado e que eles não tinham como assar o peru. Não seria melhor que êle fôsse dado a alguém que pudesse cozinhá-lo e saboreá-lo? “Está visto que eu cozinhei a ave”, acrescentou minha amiga.

Para proceder de maneira construtiva em momentos de crise, precisamos colocar a necessidade do próximo antes da nossa própria. Um homem dirigia seu carro numa manhã de inverno, quando a família dêle notou um carro estacionado na neve amontoada num campo próximo. As crianças queriam por fôrça ver o que era. A mãe disse que não—que não podiam chegar atrasadas ao colégio. O pai também protestou que tinha um encontro para daí a pouco. As

crianças, porém, insistiram tanto, que êle voltou. Encontrou um vizinho no banco dianteiro, sem sentidos devido a um envenenamento por monóxido de carbono.

Em algumas crises é mais prudente chamar um especialista do que tentar agir como especialista. Uma tarde um inspetor de menores recebeu um telefonema aflito. Uma mulher, numa estação de ônibus, tinha visto a filha do vizinho, de 15 anos, saindo da cidade com o namorado de 16 anos. Receando que os dois estivessem fugindo, tentou arrazoar com a menina, mas nada conseguiu. Tampouco pôde falar com os pais da garôta. Que fazer?

“A senhora leve a menina para o banheiro, e não se atreva a deixar que ela saia”, ordenou o fiscal. Quando a senhora protestou, êle acrescentou: “Numa emergência, a pessoa mais próxima é moralmente obrigada a prestar auxílio. Se a menina fôsse atirar-se na frente de um carro, a senhora a puxaria para trás sem a preocupação de se envolver no caso, não é? Estarei aí num instante.”

Existem, naturalmente, momentos em que precisamos lançar mão de ação retardada. Um sacerdote que conheço tornou-se muito amigo do seu açougueiro. “Conversávamos tôdas as vêzes que eu ia comprar carne”, contou-me o sacerdote, “e muitas vêzes íamos pescar juntos. Eu sabia que êle era alcoólatra, mas nunca discutíamos o assunto.”

A família e os amigos do açougueiro, que tinham fracassado em tôdas

as tentativas para ajudá-lo, apelaram repetidas vezes para o sacerdote. Recusando-se a fazer o que esperavam, o sacerdote continuou apenas a mostrar ao açougueiro que se interessava por êle como pessoa.

Um dia o açougueiro procurou o sacerdote, chorando. "Meu filho acaba de me dizer que há duas coisas que êle não tolera: um cachorro molhado e um bêbedo, porque ambos cheiram mal. Diga-me, o senhor ajudaria um bêbedo malcheiroso?"

Havia muito tempo que o sacerdote esperava por êsse momento. Obteve o auxílio de um psiquiatra e depois dos Alcoólicos Anônimos. "Isso foi há quase 15 anos, e êle continua sem beber", disse o sacerdote. "Uma vez perguntei-lhe por que, tendo recusado auxílio de tantas pessoas, viera a mim para obtê-lo. Êle respondeu que eu fôra o único que não o havia forçado."

Não existe uma fórmula única para ajudar as pessoas. Uma noite, a bordo de um avião, ouvi uma voz suplicante dizer: "Posso falar com a senhora, dona?"

Olhei para o soldado cheio de medalhas sentado a meu lado, e fiz que sim. Durante mais de uma hora êle falou. Não ia a casa havia um ano. A zona de combate que êle acabara de deixar era um pesadelo de mortandade, de ver seus companheiros morrerem, de ser ferido. Êle perdera parte de uma perna. Quando nos aproximávamos do des-

tino do soldado, senti a sua tensão crescente e notei que tinha as mãos trêmulas. A conversa continuava. Êle estava tão mudado! Será que seus pais o compreenderiam? E sua namorada—êles tinham vivido todo êsse tempo à base de cartas.

Quando o avião rolou na pista, o rapaz exclamou apavorado:

—Não, não! A cidade inteira está lá fora!

Uma aeromoça veio dizer ao rapaz que estava na hora de descer. Êle não respondeu.

—Vamos, soldado—disse ela.— Não foi à toa que você conquistou essas medalhas.

Outros passageiros entraram na conversa. Mas o rapaz não se mexia.

—Vejam, êsse rapaz está paralisado—disse um homem.—Vou dar-lhe um tapa.

—Não!—protestei eu.

Cheguei meu rosto junto ao do rapaz e disse ansiosa:

—Estou sentindo um dos meus ataques de coração. Por favor, ajude-me a descer do avião!

O truque deu certo. Cuidadosamente êle me conduziu pela rampa abaixo. Ao pisarmos no concreto, uma mocinha separou-se da multidão gritando o nome dêle. Quando chegou perto de nós, eu voltei para a minha poltrona.

—Como é que a senhora soube como agir?—indagou a aeromoça.

—Um guarda-vidas me ensinou— respondi-lhe.

